



## OS DIÁRIOS DE CAROLINA MARIA DE JESUS, MAURA LOPES CANÇADO E WALMIR AYALA

Daniele Ribeiro Fortuna (UNIGRANRIO / FAPERJ)<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste texto, apresentamos os resultados da pesquisa “Carolina Maria de Jesus, Maura Lopes Cançado e Walmir Ayala: corpos e emoções nos diários”, contemplada com bolsa de Jovem Cientista do Nosso Estado pela FAPERJ. O projeto teve como objetivo analisar e comparar os diários dos escritores Carolina Maria de Jesus, Maura Lopes Cançado e Walmir Ayala, tendo como o foco seus corpos e suas emoções.

**Palavras-chave:** Carolina Maria de Jesus; Maura Lopes Cançado; Walmir Ayala; Diários

### Introdução

Em 2015, dei início ao projeto de pesquisa “Carolina Maria de Jesus, Maura Lopes Cançado e Walmir Ayala: corpos e emoções nos diários”, contemplado no Edital Jovem Cientista do Nosso Estado da FAPERJ, em 2014. Seu objetivo é analisar e comparar os diários dos escritores Carolina Maria de Jesus, Maura Lopes Cançado e Walmir Ayala, tendo como o foco seus corpos e suas emoções. Estes autores escreveram seus diários na mesma época, no final da década de 1950 / início da década de 1960, e fizeram de seus textos um espaço de expressão de suas emoções, de resistência e sobrevivência às dificuldades que tiveram que enfrentar. Carolina Maria de Jesus escrevia para se sobrepôr à miséria. Maura Lopes Cançado escrevia para resistir à loucura. E Walmir Ayala, para lidar com o luto eterno pela perda da mãe, aos quatro anos, e também com a sua homossexualidade. Ao longo da pesquisa, analisei os diários dos três escritores individualmente. Agora, em sua reta final, comparo os as obras, buscando diferenças e semelhanças.

Em um momento em que, para Benjamin (2012a, p. 213), estamos privados da “faculdade de intercambiar experiências”, os diários de Carolina, Maura e Ayala revelam vidas intensas, repletas de perdas, estigmas, feridas e cicatrizes. Os três escritores são narradores, tal como considera Benjamin (2012a, p. 217) - embora em nenhum momento o filósofo se refira a diários -, retiram o que contam da experiência: “de sua própria

---

<sup>1</sup> Doutora em Literatura Comparada (UERJ), Pós-Doutora em Comunicação (UERJ), Jovem Cientista do Nosso Estado (FAPERJ – 2015-2017), Docente do PPGHCA (UNIGRANRIO)



experiência”. Ao lermos seus diários, estamos em sua companhia, partilhando-a e também suas vivências (BENJAMIN, 2012a).

São narrativas que se caracterizam pela precariedade. Mas não a precariedade no sentido de pobreza de experiência, à qual se refere Benjamin (2012b). Ao contrário: os três autores relatam intensas experiências de vida. Entretanto, são vidas marcadas pela precariedade de uma ausência, de uma ferida, uma cicatriz que não fecha... São também existências estigmatizadas, na medida em que são diferentes, estranhos que fogem a um padrão determinado pela sociedade daquela época (GOFFMAN, 1975).

Mas que cicatrizes e estigmas são esses? Como se apresentam nos diários de Carolina, Maura e Ayala? É do que tratarei nos itens que se seguem.

### **Cicatriz e escrita**

Jeanne Marie Gagnebin (2009) inicia seu artigo “O rastro e a cicatriz: metáforas da memória” se referindo à Odisseia, de Homero, na qual a ama Euricleia reconhece Ulisses apenas apalpando a cicatriz de sua perna, ao lhe banhar os pés. Em seguida, a autora relata que a ferida ocorreu por causa de um convite a uma caçada proposto por seu avô materno na infância: quando Ulisses “crescesse deveria visitar seu avô, receber presentes e, também, mostrar seu valor de herdeiro varão numa caça” (GAGNEBIN, 2009, p. 108).

Gagnebin (2009) explica que a ferida de Ulisses é rapidamente curada graças a “palavras mágicas”, que fazem o sangue estancar rapidamente. A autora ressalta a importância da palavra como motivação para a ação, cura e como narração – o convite feito pelo avô a Ulisses, para que ele realizasse a caçada, o regresso de suas aventuras e o relato para os pais de tudo o que lhe aconteceu.

Para Gagnebin, a ferida que se torna cicatriz é extremamente significativa: “Na história da ferida que vira cicatriz, encontramos, então, as noções de filiação, de aliança, de poder da palavra e de necessidade de narração” (GAGNEBIN, 2009, p. 109). Nesse sentido, a palavra possui o poder de transformar a ferida em cicatriz. Talvez a escrita possa cicatrizar a ferida. Ou, pelo menos, ajude quem escreve a lidar com ela.

Nos diários de Carolina Maria de Jesus, Maura Lopes Cançado e Walmir Ayala estão suas cicatrizes. Os escritores expõem feridas que as páginas dos diários vão transformando em cicatrizes aparentes – talvez para seus leitores, mas, provavelmente,



não totalmente para seus escritores, já que, como aponta Gagnebin (2009, p. 110), “o *trauma*<sup>2</sup> é a ferida aberta na alma, ou no corpo, por acontecimentos violentos, recalçados ou não, mas que não conseguem ser elaborados simbolicamente, em particular sob a forma de palavra, pelo sujeito”.

Entretanto, embora não seja possível elaborar completamente o trauma, lembrá-lo pode ser útil para vivenciar o presente. Segundo Gagnebin (2009, p. 55): “A rememoração também significa uma atenção precisa ao *presente*,<sup>3</sup> em particular a estas estranhas ressurgências do passado no presente, pois não se trata somente de não esquecer do passado, mas também de agir sobre o presente. A fidelidade ao passado, não sendo um fim em si, visa à transformação do presente.”

Agir sobre o presente, lidar com a ferida, buscar um meio de cicatrizá-la: estas parecem ser as estratégias de Carolina, Maura e Ayala. Falar do presente para cicatrizar o passado ou lembrar o passado para viver o presente. Cabe aqui ressaltar que os três escritores, em diversos trechos de das obras aqui analisadas, enfatizam a importância da escrita e dos diários em suas vidas. Em alguns momentos, revelam que sentem urgência de escrever. Trata-se de uma necessidade fundamental, apesar dos percalços que enfrentam ou, talvez, justamente em função desses percalços.

### **Cicatriz e estigma nos diários de Carolina, Maura e Ayala**

Carolina Maria de Jesus tornou-se mundialmente conhecida pelo livro *Quarto de despejo*, no qual narra sua vida como catadora de lixo e mãe solteira na cidade de São Paulo, na década de 1950. Mas é em *Diário de Bitita* que a escritora rememora sua infância e sua adolescência no interior de Minas Gerais. Na narrativa, Carolina relembra o sentimento de exclusão causado “em função da cor negra de sua pele, pela sua condição miserável e pelo fato de ser filha de um relacionamento fora do casamento, o que era um considerado um escândalo no início do século XX” (FORTUNA, 2016, p. 33).

Desde criança, sentia-se fora do lugar e percebia que sua condição de negra a fazia diferente. As pessoas usavam termos ofensivos para se referir a ela, como: “negrinha fedida”, “cabelo pixaim”, “cadela”. No livro, revive ainda o seu primeiro dia de

---

<sup>2</sup> Grifo de Gagnebin

<sup>3</sup> Grifo de Gagnebin



aula, quando foi recebida pelos colegas com as seguintes palavras: “Que negrinha feia. (...) Que olhos grandes, parece sapo”. (JESUS, 1997, p. 124)

Na juventude, as cicatrizes tornaram-se físicas. Uma doença de pele trouxe a ferida da alma também para o corpo. Buscava, sem sucesso, tratamento, vagando de cidade em cidade. Mas não recebia nenhum tipo de ajuda – nem de estranhos nem da família. No máximo, conseguia empregos como doméstica em casas de família, “onde era tratada com desprezo, sendo chamada de nomes como ‘ordinária, cadela e nojenta’.” (FORTUNA, 2016, p. 35).

Mais tarde, Carolina se mudou para a capital de São Paulo, onde também trabalhou como doméstica – entre outras atividades -, até ir morar na favela do Canindé e se tornar catadora de lixo. Continuava sendo estigmatizada: além de ser mãe solteira de três filhos, cada um de um pai, escrevia um diário e fazia questão de deixar isso público para seus vizinhos, bem como seu desejo de publicá-lo. Constantemente, em tom de ameaça, alertava os vizinhos que qualquer fato desagradável poderia ser inserido no diário – uma espécie de denúncia. Com isso, ela e seus filhos eram discriminados na favela. Embora houvesse também respeito – em muitos momentos, era chamada para apartar brigas, por exemplo – e até camaradagem, a escritora era considerada diferente e, por isso, muitos a evitavam.

Segundo Goffman (1975, p. 14), “um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que pode-se (sic) impor à atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus”. Assim, a escritora, embora fosse negra e miserável, como tantas outras na favela, não era como seus vizinhos. Carolina se diferenciava justamente em função de suas posições libertárias para a época (afirmava sempre que não queria casar, pois nenhum homem iria entender a sua paixão pela escrita) e ainda por causa de seu propósito de tornar-se escritora. Ela acreditava no poder das palavras. Dizia que suas palavras “ferem mais do que a espada. E as feridas são incicatrísáveis”. (JESUS, 1997, p. 43)

Maura Lopes Cançado também tinha um estigma e muitas cicatrizes. Tratava-se de um estigma duplo. Além de ter se casado aos 14, ter tido um filho e ter logo se divorciado, para viver sozinha em Belo Horizonte e, depois, no Rio de Janeiro, Maura tinha problemas mentais, tendo se internado em manicômios, muitas vezes por conta própria. Seu diário



foi escrito em umas das vezes em que esteve internada num sanatório. Goffman (1975, p. 46) afirma que:

Nos muitos casos em que a estigmatização do indivíduo está associada com sua admissão a uma instituição de custódia, como uma prisão, um sanatório ou um orfanato, a maior parte do que ele aprende sobre o seu estigma ser-lhe-á transmitida durante o prolongado contato íntimo com aqueles que irão transformar-se em seus companheiros de infortúnio.

Com isso, em seu diário, a consciência de Maura sobre sua condição vai se tornando mais aguda. A convivência com outras internas e o dia-a-dia no sanatório intensificam o sofrimento, aumentam o tamanho da ferida. Em vários trechos do livro, a escritora descreve cenas de maus tratos, abuso sexual, descaso. Sobre o refeitório do manicômio, Maura afirma:

Gostaria de não sentir fome. É humilhante, como nos chiqueiros. Isto mesmo: comparação exata: jeito de necrotério, sanha de porcos, necrofagia. Não sei exatamente o número. Mais ou menos trezentas mulheres. Mal se entra no refeitório e se sente o cheiro. Cheiro de gente, gente sem se lavar. Algumas mulheres denunciam nos vestidos manchados de sangue a higiene exigida e desprezada aqui. (CANÇADO, 1965, p. 65-67)

Antes de ser confinada num quarto-forte por mau comportamento, onde foi obrigada a ficar nua e sem água nem comida por 24 horas, Maura gritava. Dois doentes da seção dos homens a tocavam enquanto uma guarda lhe aplicava uma injeção. A escritora não queria ficar nua, mas a guarda não se importava e apenas dizia: “Doido não tem vergonha”. (CANÇADO, 1965, p. 267)

Maura relata em seu diário que sempre foi uma criança com muita imaginação. Na verdade, ao recordar o passado, acreditava que não era uma criança ‘normal’ - “Não creio ter sido uma criança normal, embora não despertasse suspeitas (...) a verdade é que já era uma candidata aos hospícios onde vim parar”. (CANÇADO, 1965, p. 20). Essa condição de ser ao mesmo tempo muito imaginativa e estranha foi se exacerbando, tornando-se um comportamento doentio, principalmente depois de ter sofrido abuso sexual na infância em três ocasiões, por empregados que trabalhavam na fazenda de seu pai.



Maura esteve diversas vezes em hospícios. A primeira foi aos 18 anos, quando decidiu se internar por conta própria. Seu diário relata uma das internações, no final da década de 1950, quando morava sozinha no Rio de Janeiro e resolveu, mais uma vez, se internar no hospital Gustavo Riedel (atualmente, Instituto Nise da Silveira). A escritora faz do diário sua válvula de escape, um espaço para expor as feridas: “Meu diário é o que há de mais importante para mim. Levanto-me da cama para escrever a qualquer hora, escrevo páginas e páginas”. (CANÇADO, 1965, p. 185). Ou ainda: “Escrevo sempre, sito me parece um ato de fé, de esperança. Ainda que tudo parecça perdido (...)” (CANÇADO, 1965, p. 211)

Mesmo que um paciente não esteja completamente fora de si, estar um manicômio já o torna estigmatizado. Douglas (1976) afirma que, enquanto um indivíduo permanece em sua casa, seu comportamento é apenas considerado excêntrico e ele costuma ser aceito, apesar das esquisitices. Mas, a partir do momento em que é, de alguma forma, classificado como anormal, este mesmo comportamento se torna intolerável:

Se uma pessoa nunca se afastou da sociedade para esse estado marginal, qualquer de suas excentricidades é tranquilamente tolerada pelos vizinhos. O comportamento que um psicólogo classificaria imediatamente como patológico é comumente rejeitado como ‘só uma esquisitice’, ou ‘ele supera isso’, ou ‘no mundo tem gente de todo tipo’. Mas uma vez que um paciente é admito num sanatório, recolhe-se a tolerância. (DOUGLAS, 1976, p. 121)

Assim, Maura tornou-se ainda mais estigmatizada ao ser confinada em um sanatório, onde era mal tratada, não apenas por fazer parte daquela realidade, mas também por criar problemas com as outras internas, com os guardas e com as enfermeiras. Como Carolina, Maura também era diferente naquele lugar, apesar de ser considerada tão louca como as outras: “Faço coisas sem nenhum sentido: permaneço horas deitada no chão do corredor do hospital, danço ballet sobre os bancos, escandalizando os guardas” (CANÇADO, 1965, p. 75).

Ainda que se rebelasse contra o sistema de funcionamento do hospício, muitas vezes, cedia ao desânimo, revelando no diário suas feridas:

Às vezes caio em profunda depressão, as coisas externas me machucando duras, e, no íntimo, um sofrimento incolor, uma ânsia, um quase desejo a se revelar. Não: um profundo cansaço. Ausência total de



dor e alegria. Um existir difícil, vagaroso, o coração escuro como um segredo. (CANÇADO, 1965, p. 108)

Apesar da dor, a escrita de Maura Lopes Cançado, assim como a de Carolina Maria de Jesus, tem humor, ironia, esperança. Em um trecho, Maura afirma: “Nada consegue abalar a fé que tenho em mim” (CANÇADO, 1965, p. 211, 212) Em um determinado momento, a escritora se apaixona pelo seu terapeuta, a quem ela chama de dr. A., e acredita ser correspondida. O diálogo que transcrevo aqui é um exemplo do humor e ironia de Maura:

— Não sou ninfomaníaca. Julgo-me até assexuada. Ou julgava-me. Agora quero fazer amor com o senhor.

(...)

— Você, Maura, deixaria de me amar se isto acontecesse.

— Sim, talvez. Mas quero ter certeza de que me ama como a uma mulher. É importante: ficar certa de que me ama.

— Pode ficar. Não é só o contato genital que justifica o amor.

(Pronto: por hoje ele conseguiu estragar tudo. Este ‘contato genital’ foi a expressão mais infeliz de dr. A. até hoje.

— Bem, então somos namorados? (CANÇADO, 1965, p. 230)

Maura consegue manter a ilusão da paixão e falar sobre ela, mesmo estando confinada em um sanatório, em que é tratada com práticas desumanas, como o choque elétrico. A escritora também continua acreditando na sua beleza: “Estive durante todo o dia chateadíssima. Para não morrer de tédio, trepei no muro, alcancei o telhado do galpão, rasguei meu vestido de lado, dancei lá em cima mais de uma hora. Julgo-me muito sexy. Quando danço, sou deveras insinuante” (CANÇADO, 1965, p. 252).

Carolina também se considera bela: “(...) eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rustico” (JESUS, 1997, p. 58) E também relata uma paixão por um cigano em seu diário. Em um de seus encontros, o cigano se mostra apaixonado e lhe diz que quer casar com Carolina e tirá-la da favela. Mas a escritora recusa, pois não quer andar em caravanas: “Ele disse-me que é poética a existência andarilha. Ele disse-me que o amor de cigano é imenso igual ao mar. É quente igual ao sol. Era só o que me faltava. Depois de velha virar cigana. Entre eu e o cigano existe uma atração espiritual. Ele não queria sair do meu barraco. E seu pudesse não lhe deixava sair”. (JESUS, 1997, p. 131)



Dessa forma, nos diários de Maura e Carolina, é possível perceber esperança, paixão, humor, apesar das dores, feridas e cicatrizes. Esta semelhança entre o texto das duas escritoras talvez seja o que o diferencia da escrita de Walmir Ayala. Embora, em muitos trechos, Ayala afirme crer na vida, trata-se de um diário muito mais sóbrio que os de Carolina e de Maura, sem humor ou ironia.

Na verdade, como Roland Barthes (2011), Walmir Ayala faz do seu texto um diário de luto. Porém, enquanto Barthes (2011) iniciou seu diário logo após a morte de sua mãe e o escreveu de maneira bastante fragmentada e minimalista, como afirma Ana Chiara (2014), Ayala o faz muitos anos depois, escrevendo de forma excessiva, como em um jorro. Sua mãe morreu quando ele tinha apenas quatro anos, e as palavras de seu diário indicam que o escritor nunca superou essa morte. Trata-se de um luto que marcaria seu trabalho e sua vida para sempre. As quase quatrocentas páginas do diário de Ayala são um lamento e uma conversa com a morte. Sua ferida que nunca cicatriza é este luto.

Em seu diário, também escrito no final da década de 1950, o escritor expõe também a sua condição de homossexual. Embora trate sobre o assunto, seu texto apresenta ainda referências ao pecado e ao cristianismo. Ayala recebeu uma criação católica e, talvez por isso, veja Jesus Cristo como uma forte impressão de morte: “A mais viva impressão em relação à morte, até hoje, me vem da obrigatoriedade de beijar a imagem de Cristo descido da cruz, Cristo morto e martirizado, na Semana Santa”. (AYALA, 1962, p. 136).

Apesar de ser assumidamente homossexual em uma época em que o tema pouco era discutido, Walmir Ayala parece carregar de sua criação católica o pecado e a culpa. Em seu diário, o escritor se refere a seus relacionamentos que a sua condição de homossexual propriamente dita. Entretanto, a ferida aparece como frustração em função de seus relacionamentos fracassados ou ainda como a associação constante entre amor e morte: – “Para mim o amor era frequentemente a possibilidade de descobrir um pouco mais o ramo subterrâneo que une o espírito à morte” (AYALA, 1962, p. 18).

Erving Goffman considera que a homossexualidade – traduzida, em seu livro, como homossexualismo – é um tipo estigma. Afirma Goffman (1975, p. 14):

Podem-se mencionar três tipos de estigma nitidamente diferente. Em primeiro lugar, há as abominações do corpo – as várias deformidades físicas. Em segundo, as culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de,



por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical. (...)

Nesse sentido, Ayala era, assim como Carolina e Maura, um inadaptado na sociedade. Sua inadaptação começa na infância, com a morte da mãe, e continua na adolescência, com a pouca aceitação por parte de seu pai. Ayala e o pai nunca foram próximos, e este tentava desestimulá-lo a ser escritor, tanto que pagou a edição de seu primeiro livro, pensando que o filho desistiria ao perceber que a publicação seria um fracasso.

Na sua juventude, quando escreve o diário, a inadaptação permanece. Ayala divide com o diário vários sentimentos, mas, principalmente, o desamor. O autor parece acreditar que não é amado. Em um dos trechos, o autor afirma: “Estou me envenenando aos poucos. Ponho entre mim e os outros uma barreira de desconfiança e medo”. (AYALA, 1962, p. 57) Ou ainda: “Meu momento de terror por saber que não tenho nada e muito menos o amor.” (AYALA, 1963, p. 112)

Ayala (1962, p. 47) afirma ainda que só um amor resolveria o desprezo que sente por si mesmo – “Necessitaria um amor, mas um tão grande amor que me compensasse por todo o desprezo de mim mesmo”. Talvez por isso o autor busque o amor incessantemente, sem nunca encontrá-lo, até porque parece querer encontrar um amor idealizado – “Eu só amaria um anjo” (AYALA, 1976, p. 46).

Paralelamente à busca por esse amor está a morte: “Mas sou um excessivo, e hoje senti uma premência de morte. Não realizar o amor seria morrer, perder pelo menos a urgência do plano a desfrutar. O que imagino: um céu. E estou interceptado de garras e antenas frias, crustáceo que se arrasta ante o voo de um pássaro. Mas não existe o pássaro. E sou o desamado irremediável” (AYALA, 1963, p. 60).

(Des)amor e morte caminham juntos, e somente a escrita parece ajudá-lo a lidar com seus paradoxos e feridas. Ayala afirma que escreve para seu próprio bem, em uma tentativa de se auto-organizar: “Sim, se escrevo é para não me perder, porque escrevendo me ponho em ordem.” (AYALA, 1962, p. 121)

O poeta diz escrever por uma necessidade de se sentir útil e também de poder registrar suas “minúcias e danos” (AYALA, 1976, p. 62): “Cada dia penso: o que estou fazendo da minha vida? Em que sentido sou útil a mim e aos outros? Ainda não tenho

discernimento disso. Mas de qualquer maneira não encontro coisa mais digna para mim, mas indispensável e fatal do que escrever”. (AYALA, 1962, p. 24)

Finalmente, escrever torna-se a única possibilidade de encontrar o amor: “(...) o amor único, intransponível, insubstituível, este não me acontece. (...) Eu diria que a criação literária é a minha possibilidade de permanência no amor temporal e limitado”. (AYALA, 1963, p. 18)

### **Considerações finais**

Carolina Maria de Jesus, Maura Lopes Cançado e Walmir Ayala viviam realidades diferentes. Catadora de lixo e moradora de uma favela, Carolina escrevia no diário sobre o seu dia-a-dia na miséria, como mãe solteira e até sobre a situação política do Brasil. Maura rememorava o passado e descrevia seu cotidiano no sanatório. Em seu texto, não há considerações sobre o contexto sociocultural ou político de então. Já Walmir, além de escrever sobre a morte e sobre seus amores frustrados, refletia bastante acerca da sua produção intelectual.

Apesar das diferenças, os três, de alguma forma, estavam em situação marginal na sociedade. Mary Douglas (1976, p. 118) afirma: “Considerem-se as crenças sobre pessoas em situação marginal. Estas são pessoas que estão de algum modo excluídas do padrão social, que estão deslocadas. Podem não estar fazendo nada de moralmente errado, mas seu *status* é indefinível.”

Ao viver à margem, nesse *status* indefinível, Carolina, Maura e Ayala fazem da escrita seu espaço de resistência. Por isso, escrever era fundamental. Escrever para lidar com os estigmas, para estancar o sangue das feridas, para resistir...

### **Referências Bibliográficas**

AYALA, Walmir. *Diário I – Difícil é o reino*. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1962.

\_\_\_\_\_. *Diário II – O visível amor*. Rio de Janeiro: José Alvaro Editor, 1963.

\_\_\_\_\_. *Diário III – A fuga do arcanjo*. Rio de Janeiro: Editora Brasília, 1976.

BARTHES, Roland. *Diário de luto*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.



BENJAMIN, Walter. O narrador. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2012a.

\_\_\_\_\_. Experiência e pobreza. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2012b.

CANÇADO, Maura Lopes. *Hospício é Deus – Diário I*. Rio de Janeiro: José Alvaro Editor, 1965.

CHIARA, Ana Cristina. “Che vuoi?”: Barthes com Lacan. *Revista Trama Interdisciplinar*. Vol. 5, 2014.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FORTUNA, Daniele Ribeiro. Corpos sem lugar: os diários de Carolina Maria de Jesus. *E-scrita, Revista do curso de Letras da Uniabeu, Nilópolis*, vol. 7, no. 1, p. 29-37.

GOFFMAN, Erving. *Estigma – Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2009.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo – Diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 1997.

\_\_\_\_\_. *Diário de Bitita*. São Paulo: SESI-SP Editora, 2014.